

UMA ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM)

Analysis of the Representativeness of Quilombola Communities in the Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)

Análisis de la representatividad de las comunidades quilombolas en el Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)

Danilo Borges e Silva de Araújo¹
Giovana Borges Mesquita²

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i28.14667

Resumo: O artigo reflete sobre as produções científicas que abordam as populações quilombolas na área da Comunicação. Realizou-se um levantamento dos trabalhos publicados nos grupos de pesquisa do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) de 2012 a 2022. Encontramos 24 artigos relacionados a essa temática entre 11.103 trabalhos analisados, revelando uma lacuna na produção científica sobre o assunto, apesar de sua relevância para compreender questões sociopolíticas e culturais do país.

Palavras-chave: Quilombos. Comunicação. Produção científica. Intercom.

Abstract: The article reflects on the scientific productions that address the quilombola populations in the field of Communication. A survey of works published in research groups of the Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) from 2012 to 2022 was conducted. We found 24 articles related to this theme among 11,103 analyzed works, revealing a gap in scientific production on the subject, despite its relevance in understanding sociopolitical and cultural issues in the country.

Keywords: Quilombos. Communication. Scientific production. Intercom.

Resumen: El artículo reflexiona sobre producciones científicas que abordan poblaciones quilombolas en Comunicación. Se relevó trabajos publicados en grupos de investigación del Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) de 2012 a 2022. Hallamos 24 artículos relacionados entre 11.103 trabajos analizados, revelando brecha en producción científica sobre el tema, a pesar de su relevancia para comprender cuestiones sociopolítico-culturales del país.

Palabras-clave: Quilombos. Comunicación. Producción científica. Intercom.

¹ Doutorando, Universidade Federal de Pernambuco, Recife – PE, Brasil. dbsadanilo@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-5970-8474>

² Doutora, Universidade Federal de Pernambuco, Recife – PE, Brasil. giovanamesquita@yahoo.com.br | <https://orcid.org/0000-0001-6569-4515>

Artigo submetido em: setembro/2023. Aprovado em: novembro/2023.

Esferas, ano 13, vol. 3, nº 28, setembro-dezembro de 2023 | ISSN 2446-6190

Revista Esferas tem seu conteúdo sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)



Considerações iniciais

A formação da ciência e do conhecimento no Brasil foi influenciada por uma lógica que, embora tenha suas particularidades, foi sistematizada e disseminada através da política de colonização que moldou os países latino-americanos. Essa lógica incorpora ideias essenciais que estabelecem distinções entre o que é considerado Ciência e o que não é, estabelecendo uma hierarquia entre eles. Essa estrutura ainda é evidente na sociedade atual, tanto no imaginário coletivo quanto nas práticas sociais, culturais e políticas, bem como nas bases epistemológicas.

Durante o período da escravidão no Brasil e no período pós-abolição, o Estado promoveu políticas que excluíram as populações negras do sistema educacional, marginalizando-as. Um exemplo disso é a lei nº 1, de 1837, que regulava a educação primária no Rio de Janeiro e proibia, no artigo 3º, a participação dessas populações na educação formal. Essa exclusão ainda tem repercussões na contemporaneidade e corrobora com a constante desumanização e invisibilidade das comunidades quilombolas, compostas majoritariamente por pessoas negras, que são subalternizadas e têm seus conhecimentos negados. Isso significa dizer que as formas de conhecimento, saberes e culturas dessas comunidades foram historicamente desvalorizadas e ignoradas pela sociedade dominante. Suas perspectivas, tradições e saberes não foram reconhecidos como legítimos dentro do sistema educacional e em outros espaços de poder, contribuindo para a perpetuação da desigualdade e da discriminação.

Um exemplo claro dessa perpetuação pode ser observado na disparidade entre os grupos sociais no ensino superior brasileiro, conforme evidenciado por Carvalho (2020), que destaca a baixa

representação das comunidades quilombolas tanto no corpo docente quanto no discente. As ações afirmativas que visam a inclusão dos quilombolas nas universidades públicas, as quais contribuem para interromper essa perpetuação, ainda enfrentam limitações e complexidade.

Segundo uma pesquisa do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA, 2021) do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ), intitulada “Levantamento das políticas de ação afirmativa (gemaa) Políticas de ação afirmativa para quilombolas nas universidades públicas brasileiras (2019)”, realizada em 2019 e lançada em 2021, revelou que apenas 21 das 106 universidades federais e estaduais do país implementaram ações afirmativas específicas para quilombolas, abrangendo oito estados (BA, CE, GO, MT, PA, RS, TO e SC).

Essas ações resultaram em 2.035 vagas disponíveis para esse grupo. Além disso, 16 universidades estaduais e cinco federais adotam cotas para quilombolas. Em uma pesquisa mais recente, “Levantamento Ação Afirmativa Políticas de ação afirmativa nas universidades públicas brasileiras” do Instituto, realizada em 2020 e lançada em 2022, constatou-se um leve avanço no número de políticas de inclusão para as populações quilombolas, com o aumento das reservas de vagas para esse grupo de 5% para 7%. Esse progresso pode ser atribuído, em parte, ao crescimento das ações afirmativas para quilombolas nas universidades estaduais, que recebe uma significativa contribuição do movimento negro na formulação e na defesa das políticas de inclusão.

Essa realidade é particularmente relevante, especialmente considerando, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2022), que o Brasil possui um total de 1.327.802 quilombolas. Tal contexto torna evidente como a educação, sendo um direito fundamental, pode

contribuir para a perpetuação de valores opressivos e desumanizantes em relação aos afro-brasileiros, incluindo as comunidades quilombolas (Njeri, 2019), além de limitar suas oportunidades de participação na produção científica.

O acesso restrito ao ensino superior tem consequências diretas na participação desses grupos na produção científica, o que evidencia ainda mais a necessidade de refletirmos sobre esta produção no campo da comunicação. Dessa forma, a partir dessas reflexões, surgiu o seguinte questionamento: qual é o espaço dedicado à discussão quilombola na produção científica na área da comunicação?

Nosso objetivo é fazer uma reflexão sobre as produções científicas brasileiras que abordam a temática das populações quilombolas, especialmente centrando-se nos estudos realizados na área da Comunicação. Como parte de um estudo mais amplo, este artigo conduz um levantamento dos trabalhos publicados nos grupos de pesquisa do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) no período de 2012 a 2022, que tratam o tema. Essa abordagem é essencial para contextualizar o cenário acadêmico atual em relação à comunicação e suas diversas abordagens.

Ao analisar os trabalhos publicados, é possível identificar tendências, temas recorrentes e possíveis lacunas no conhecimento. Além disso, a coleta de dados a partir desses trabalhos oferece uma valiosa base de informações para a pesquisa científica, com detalhes sobre as abordagens metodológicas utilizadas, resultados obtidos e principais discussões em torno do tema estudado.

Rede nacional de pesquisadores em comunicação

No Brasil, existem diversas associações científicas, acadêmicas e profissionais dedicadas ao fomento e desenvolvimento de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. Na área de Comunicação, destaca-se a Intercom.

Fundada em 12 de dezembro de 1977, em São Paulo, a Intercom tem como principal preocupação o compartilhamento de pesquisas e informações de maneira interdisciplinar. Além de encontros em cinco regiões brasileiras, a instituição realiza um congresso nacional, que atrai anualmente cerca de 3,5 mil pessoas, entre pesquisadores e estudantes do Brasil e do exterior. Este congresso é sediado em uma cidade escolhida pelos membros da sociedade no ano anterior, e é precedido por cinco congressos regionais. Além disso, a sociedade busca estabelecer parcerias com outras entidades de objetivos semelhantes, bem como institutos e órgãos de fomento à pesquisa no Brasil e no exterior (Intercom, 2023).

A instituição desempenha um papel fundamental ao promover a troca de conhecimento entre pesquisadores e profissionais atuantes no mercado (Intercom, 2023). A análise das pesquisas apresentadas nos eventos promovidos pela Intercom se torna crucial, permitindo a identificação de tendências e progressos na área da Comunicação, bem como o destaque de temas e abordagens relevantes. Essa análise oferece um panorama dos avanços teóricos e metodológicos na Comunicação, possibilitando também identificar lacunas que requerem maior atenção e investigação (Intercom, 2023).

Procedimentos metodológicos

Para realizar a coleta de dados para nossa pesquisa, escolhemos utilizar a plataforma disponibilizada pela própria Intercom, o site oficial da sociedade, onde estão arquivados os anais de todas as edições. Os congressos da Intercom são reconhecidos por reunir pesquisadores e profissionais atuantes na área, o que nos proporciona acesso a um amplo acervo de produções científicas. Durante esses congressos, os trabalhos são apresentados e, posteriormente, disponibilizados nos anais, que por sua vez, são indexados no site oficial. Adicionalmente, a plataforma possui um processo simplificado de indexação de novas publicações. Essa característica não só facilitou significativamente nossa busca por conteúdos sobre o tema da pesquisa, mas também desempenha um papel crucial na disseminação do conhecimento científico para a sociedade em geral. Ao democratizar o acesso a esses recursos, a plataforma da Intercom contribui para uma maior disseminação de informações atualizadas na área de Comunicação.

Ao longo dos anos, a Intercom organizou as produções em diversas categorias, incluindo “Intercom Júnior” e “Expocom”, voltadas para graduandos, e os “grupos de pesquisa”, que abrangem trabalhos de mestrandos, mestres, doutorandos, doutores, pós-doutores e graduados (estes últimos apenas em coautoria com doutores).

Para a seleção dos trabalhos, concentramos nossa atenção na categoria “grupo de pesquisa”, cujo propósito é reunir pesquisadores interessados em temáticas com legitimidade acadêmico-profissional ou abordar temas emergentes que requerem esclarecimento teórico-metodológico (Intercom, 2023). Essa categoria representa uma fonte valiosa de conhecimento científico para nossa pesquisa, fornecendo uma rica variedade de estudos que contribuem para o

aprofundamento e enriquecimento de nossas investigações permitindo explorar as complexidades e nuances que envolvem as questões relacionadas às populações quilombolas no contexto da Comunicação. Além disso, a modalidade “grupo de pesquisa” nos congressos nacionais da Intercom é reconhecida por ser um espaço propício para a apresentação e discussão de pesquisas avançadas e inovadoras. É relevante ressaltar que, ao focarmos nessa categoria específica, reconhecemos sua orientação para estudos consolidados e mais aprofundados, direcionados à apresentação de pesquisas em estágios avançados de desenvolvimento e investigação.

Ao longo dos anos, a Intercom passou por reformulações e adicionou novas categorias para ampliar e direcionar os trabalhos apresentados. Atualmente, os grupos são divididos da seguinte forma: Cinema, Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, Comunicação e Educação, Comunicação e Esporte, Comunicação e Religiões, Comunicação e Trabalho, Comunicação para a Cidadania, Comunicação, Alteridade e Diversidade, Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, Comunicação, Mídia e Liberdade de Expressão, Comunicação, Música e Entretenimento, Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, Estudos de Televisão e Televisualidades, Ficção Televisiva Seriada, Folkcomunicação, Fotografia, Games, Gêneros Jornalísticos, Geografias da Comunicação, Pensamento Comunicacional e Cultural Latino-americano, Políticas e Estratégias de Comunicação, Produção Editorial, Publicidade e Propaganda, Rádio e Mídia Sonora, Relações Públicas e Comunicação Organizacional, Semiótica da Comunicação, Tecnologias e Culturas Digitais, Telejornalismo, Teorias da Comunicação e Teorias do Jornalismo.

Para aprimorar nossa pesquisa, empregamos filtros por palavras-chave na plataforma, o que possibilitou um refinamento na identificação de trabalhos correlacionados à temática quilombola. Nossos termos de busca abarcavam palavras como “quilomb”, “quilombo”, “quilombos”, “quilombola” e “quilombolas”. Ao empregar esses filtros de palavras-chave, pudemos reduzir o escopo da pesquisa e direcionar nossa atenção para os trabalhos que tratam especificamente das populações quilombolas. Isso nos permitiu obter uma visão mais precisa e concentrada sobre as abordagens, discussões e análises relacionadas a essa temática específica.

A definição de um recorte temporal adequado foi um aspecto importante para nossa pesquisa. Com o objetivo de capturar as tendências e avanços mais recentes no campo da Comunicação, optamos por analisar as produções científicas publicadas no período de 2012 a 2022. Compreender o panorama da produção científica ao longo dos últimos 10 anos nos permitiu obter resultados sobre as abordagens, perspectivas, levando em conta as mudanças sociais, políticas, tecnológicas e culturais que ocorreram nesse período.

Iniciamos nossa pesquisa consultando os anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, que ocorreu em Fortaleza, CE, entre os dias 3 a 7 de setembro de 2012. A partir desse ponto de partida, expandimos nossa busca para os anais dos congressos subsequentes da instituição, culminando nos registros do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em João Pessoa, PB, entre os dias 5 a 9 de setembro de 2022. Esse intervalo de uma década nos proporcionou uma visão abrangente e atualizada das produções científicas no campo da Comunicação, considerando o contexto dinâmico e em constante evolução ao longo desse período.

Análise e discussão dos resultados

Optamos por realizar uma exploração quantitativa para explorar os dados disponíveis, buscando visualizar e compreender a produção de trabalhos sobre a temática quilombola. Reconhecemos que as análises quantitativas oferecem uma visão geral, mas ressaltamos que essa abordagem tem suas limitações, não capturando completamente a complexidade e nuances dos estudos acadêmicos nessa área. Utilizamos essa metodologia como complemento para aprofundar nossa compreensão sobre o assunto.

Durante período de 2012 a 2022, os anais da Intercom registraram a publicação de 11.103 artigos. Dentre esse volume, apenas 24 tratam da temática quilombola, representando 0,22% do total de temas discutidos no congresso. Ao calcularmos a média anual de trabalhos, observamos que foram aproximadamente 1.110 trabalhos, por ano, porém, quando consideramos a média anual de trabalhos relacionados à temática quilombola, esse número cai para somente dois trabalhos por ano.

Notamos que o número total de trabalhos apresentados no Intercom varia anualmente, oscilando entre 723 e 1.394 trabalhos. Essa variação pode ser atribuída a fatores, como por exemplo, a disponibilidade de recursos e financiamentos para participação no evento. Um exemplo recente que pode ter influenciado essa variação é a pandemia da COVID-19, que causou mudanças significativas no cenário acadêmico e levou à reorganização dos congressos.

A escassez de estudos sobre as comunidades quilombolas nos eventos acadêmicos, evidenciada pela presença limitada nos anais da Intercom, demonstra que ao longo deste período, a temática quilombola na área da Comunicação ainda permanece restrita e insuficiente. Novas pesquisas, seja através da amplificação de narrativas existentes ou do surgimento de perspectivas, têm o potencial

de proporcionar uma maior visibilidade e reconhecimento das pautas quilombolas. Por exemplo, a contribuição das discussões acadêmicas é fundamental para a compreensão das experiências e contribuições das populações quilombolas em diversas áreas, como a preservação cultural, práticas agrícolas tradicionais e, especialmente, para destacar as complexas questões socioeconômicas enfrentadas por essas comunidades.

Além disso, um aumento significativo de estudos nesse campo pode direcionar soluções para problemas críticos que essas comunidades enfrentam, como a persistente violência. Conforme detalhado no relatório “Racismo e Violência contra Quilombos no Brasil” (2018), produzido pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras e Rurais Quilombolas em parceria com Terra de Direitos (2018), entre os anos de 2008 e 2017, 38 quilombolas foram vítimas de assassinatos, revelando um número alarmante de mortes violentas nesse contexto. A segunda edição deste relatório, “Racismo e Violência contra Quilombos no Brasil” (2023), também conduzido pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras e Rurais Quilombolas e Terra de Direitos, evidenciou a persistência do problema. No período de 2018 a 2022, foram identificados 32 assassinatos de quilombolas, resultando em uma média anual de mais de seis mortes. Preocupantemente, em pelo menos 15 desses casos, as vítimas eram líderes reconhecidos dentro do movimento. Essas constatações reforçam a urgência de uma abordagem mais aprofundada e engajada por meio de pesquisas capazes de explorar essas questões complexas e contribuir para a formulação de respostas mais eficazes e inclusivas.

No que se refere aos dados deste estudo, ao analisarmos as pesquisas ano a ano, identificamos que, em 2012, foram encontrados 972 trabalhos, mas apenas um deles abordava a temática

quilombola. Esse trabalho específico, intitulado “Troias Negras: Reconversão Cultural e Parcerias dos Quilombolas Históricos”, foi desenvolvido por Alfredo Sotero Alves Rodrigues e Maria Salett Tauk Santos.

No ano seguinte, em 2013, foram encontrados 749 trabalhos, porém nenhum deles abordava a temática quilombola. Já em 2014, dos 920 trabalhos encontrados, três deles tratavam da temática quilombola. O primeiro trabalho, intitulado “Recepção de Telenovelas em Contexto Étnico: A Pesquisa no Quilombo da Família Silva”, foi realizado por Wesley Pereira Grijó. O segundo trabalho, intitulado “Cartografia dos Cenários Socioambientais dos Quilombola do Leitão/Umbuzeiro”, foi realizado por Alfredo Sotero Alves Rodrigues e Maria Salett Tauk Santos. O terceiro trabalho, intitulado “As Dinâmicas das Representações Sociais da Saúde em Itamatatua”, foi realizado por Rosinete de Jesus Silva Ferreira.

Em 2015, foram encontrados 1394 trabalhos, sendo que quatro deles abordavam a temática quilombola. O primeiro trabalho, intitulado “Redes de Movimentos Sociais no Movimento Quilombola de Salvaterra, Marajó, Pará”, foi desenvolvido por Lara Thais de Souza Lages. O segundo trabalho, intitulado “Revisando Memórias e Reinventando Identidades nos Álbuns de Família de Comunidades Quilombolas”, foi realizado por Márcia Guena dos Santos e Uilson Viana de Souza. O terceiro trabalho, intitulado “A Comunicação Comunitária no Quilombo Urbano dos Carrapatos da Tabatinga”, foi efetuado por Silmara de Mattos Sgoti e Cicília Krohling Peruzzo. O quarto trabalho, intitulado “Imaginário, Religiosidade Popular e Folkcomunicação: Um Olhar para as Expressões Culturais das Comunidades Quilombolas no Vale do Ribeira”, foi construído por Renata Cardias Kawaguchi.

Em 2016, foram encontrados 1324 trabalhos, sendo que três deles abordavam a temática quilombola. O primeiro trabalho encontrado tinha o título “A Comunicação nos Processos de Certificação de Comunidades Quilombolas do Sertão do São Francisco: O Caso do Alagadiço” e foi desenvolvido por Márcia Guena dos Santos e Ceres Marisa Silva dos Santos. O segundo trabalho, intitulado “Território, Cultura e Estratégias Discursivas da Identidade Negra e Quilombola”, foi realizado por Felipe Gibson Cunha. O terceiro trabalho encontrado, intitulado “Da Liberdade ao Território e os Caminhos da Comunicação Comunitária na Comunidade Remanescente de Quilombo da Caçandoca, em Ubatuba”, foi executado por Adriana Rabelo Rodrigues Marcelo e Cicília Krohling Peruzzo.

Em 2017, foram encontrados 1210 trabalhos, sendo que três deles abordavam a temática quilombola. O primeiro trabalho encontrado tinha o título “#Blacklivesmatter: A Titulação de Territórios Quilombolas nas Páginas do Jornal A Gazeta” e foi desenvolvido por Girley Vieira da Silva. O segundo trabalho, intitulado “A Beleza das Mulheres Negras Jovens Quilombolas: Comunicação, Cultura e Política da Beleza Negra na Mídia”, foi feito por Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim, Aurilene Rodrigues Lima e Elis Rejane Santana Silva. O terceiro trabalho encontrado tinha o título “O ex-voto e as manifestações de fé da Festa do Divino da comunidade quilombola de Santa Tereza - Figueirão/MS: Um objeto de estudo da Folkcomunicação” e foi realizado por Letícia Monteiro Rocha e Greicy Mara França.

Em 2018, foram encontrados 996 trabalhos, sendo que dois deles abordavam a temática quilombola. O primeiro trabalho encontrado tinha o título “Quilombos Virtuais: As Novas Expressões de Resistência, Ativismo e Empoderamento Negro nas Redes Sociais” e foi desenvolvido por Renata Nascimento da Silva. O segundo trabalho, intitulado “A Sustentabilidade do Sistema Agrícola Itinerante

Quilombola na Mata Atlântica (Vale do Ribeira, SP, Brasil)”, foi feito por Alexandre Antunes Ribeiro Filho, Ricardo Henrique Almeida Dias e Cristina Adams.

Em 2019, foram encontrados 913 trabalhos, sendo que um deles abordava a temática quilombola. O trabalho encontrado, intitulado “You Only Live Once! Aquilombamentos, geração tombamento e afrofuturismo”, foi desenvolvido por Maria Beatriz dos Santos Barros.

Em 2020, foram encontrados 997 trabalhos, sendo que dois deles abordavam a temática quilombola. O primeiro trabalho encontrado tinha o título “O papel hegemônico da mídia na criação de consensos: o silenciamento quilombola como marcador de racismo no jornalismo” e foi desenvolvido por Nathália Esteves da Silva Gomes e Rafael Bellan Rodrigues de Souza. O segundo trabalho encontrado tinha o título “Cadernos negros, quilombos editoriais e a 'lógica independente'” e foi realizado por Luiz Henrique da Silva Oliveira e Fabiane Cristine Rodrigues.

Em 2021, foram encontrados 905 trabalhos, sendo que um deles abordava a temática quilombola. O trabalho encontrado tinha o título “A Educomunicação como Prática Potencializadora do Diálogo de uma Juventude Quilombola com Conhecimentos Científicos sobre Água” e foi desenvolvido por Mariana Rodrigues Sebastião e Rejâne Maria Lira-da-Silva.

Em 2022, foram encontrados 723 trabalhos, sendo que quatro deles abordavam a temática quilombola. Todos os trabalhos foram apresentados no grupo de pesquisa “Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico”. O primeiro trabalho, intitulado “A Bahia negra não mostrada na TV: a invisibilidade dos quilombolas no telejornal BATV”, foi desenvolvido por Danilo Araújo e Giovana Mesquita. O segundo trabalho, intitulado “Sob o eco dos quilombos: o compromisso das mídias negras com o jornalismo antirracista” realizado por Alice Oliveira de Andrade e Maria do Socorro Furtado

Araújo, D; Mesquita, G. Uma análise da Representatividade das comunidades quilombolas no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM).

Esferas, ano 13, vol. 3, nº 28, setembro-dezembro de 2023 | ISSN 2446-6190

Veloso. O terceiro trabalho, intitulado “Tecnodiscursos que emergem de perfis ciberquilombistas: um olhar aos espaços negros digitais e aos discursos que de lá reverberam” foi feito por Nelza Jaqueline Siqueira e Marcelo Leandro Eichler. O quarto trabalho, intitulado “QuilomboCast: de resposta emergencial a um processo de pesquisa em comunicação”, foi construído por Thiane de Nazaré Monteiro Neves e Raissa Lennon Nascimento Sousa (ver tabela 1).

TABELA 1
Análise da Presença de Trabalhos sobre Comunidades Quilombolas no Intercom (2012 – 2022)

Ano	Número total de trabalhos	Trabalhos com a temática Quilombola	Autores
2012	972	1- "Troias Negras: Reconversão Cultural e Parcerias dos Quilombolas Históricos".	Alfredo Sotero Alves Rodrigues e Maria Salett Tauk Santos.
2013	749	Zero	-
2014	920	3- "Recepção de Telenovelas em Contexto Étnico: A Pesquisa no Quilombo da Família Silva"; "Cartografia dos Cenários Socioambientais dos Quilombola do Leitão/Umbuzeiro"; "As Dinâmicas das Representações Sociais da Saúde em Itamatatua".	Wesley Pereira Grijó; Alfredo Sotero Alves Rodrigues e Maria Salett Tauk Santos; Rosinete de Jesus Silva Ferreira.
2015	1394	4 - "Redes de Movimentos Sociais no Movimento Quilombola de Salvaterra, Marajó, Pará"; "Revisando Memórias e Reinventando Identidades nos Álbuns de Família de Comunidades Quilombolas"; "A Comunicação Comunitária no Quilombo Urbano dos Carrapatos da Tabatinga"; "Imaginário, Religiosidade Popular e Folkcomunicação: Um Olhar para as Expressões Culturais das Comunidades Quilombolas no Vale do Ribeira".	Lara Thais de Souza Lages; Márcia Guena dos Santos e Uilson Viana de Souza; Silmara de Mattos Sgoti e Cicilia Krohling Peruzzo; Renata Cardias Kawaguchi.
2016	1324	3- "A Comunicação nos Processos de Certificação de Comunidades Quilombolas do Sertão do São Francisco: O Caso do Alagadiço"; "Território, Cultura e Estratégias Discursivas da Identidade Negra e Quilombola"; "Da	Márcia Guena dos Santos e Ceres Marisa Silva dos Santos; Felipe Gibson Cunha; Adriana

Araújo, D; Mesquita, G. Uma análise da Representatividade das comunidades quilombolas no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM).

		Liberdade ao Território e os Caminhos da Comunicação Comunitária na Comunidade Remanescente de Quilombo da Caçandoca, em Ubatuba".	Rabelo Rodrigues Marcelo e Cicília Krohling Peruzzo.
2017	1210	3- "#Blacklivesmatter: A Titulação de Territórios Quilombolas nas Páginas do Jornal A Gazeta"; "A Beleza das Mulheres Negras Jovens Quilombolas: Comunicação, Cultura e Política da Beleza Negra na Mídia"; "O ex-voto e as manifestações de fé da Festa do Divino da comunidade quilombola de Santa Tereza - Figueirão/MS: Um objeto de estudo da Folkcomunicação".	Girley Vieira da Silva; Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim, Aurilene Rodrigues Lima e Elis Rejane Santana Silva; Leticia Monteiro Rocha e Greicy Mara França.
2018	996	2- "Quilombos Virtuais: As Novas Expressões de Resistência, Ativismo e Empoderamento Negro nas Redes Sociais"; "A Sustentabilidade do Sistema Agrícola Itinerante Quilombola na Mata Atlântica (Vale do Ribeira, SP, Brasil)".	Renata Nascimento da Silva; Alexandre Antunes Ribeiro Filho, Ricardo Henrique Almeida Dias e Cristina Adams.
2019	913	1- "You Only Live Once! Aquilombamentos, geração tombamento e afrofuturismo.	Maria Beatriz dos Santos Barros.
2020	997	2- "O papel hegemônico da mídia na criação de consensos: o silenciamento quilombola como marcador de racismo no jornalismo"; "Cadernos negros, quilombos editoriais e a 'lógica independente'".	Nathália Esteves da Silva Gomes e Rafael Bellan Rodrigues de Souza; Luiz Henrique da Silva Oliveira e Fabiane Cristine Rodrigues.
2021	905	1-"AEducomunicação como Prática Potencializadora do Diálogo de uma Juventude Quilombola com Conhecimentos Científicos sobre Água".	Mariana Rodrigues Sebastião e Rejane Maria Lira-da-Silva.
2022	723	4- "A Bahia negra não mostrada na TV: a invisibilidade dos quilombolas no telejornal BATV"; "Sob o eco dos quilombos: o compromisso das mídias negras com o jornalismo antirracista"; "Tecnodiscursos que emergem de perfis ciberquilombistas: um olhar aos espaços negros	Danilo Araújo e Giovana Mesquita; Alice Oliveira de Andrade e Maria do Socorro Furtado Veloso; Nelza Jaqueline Siqueira

Araújo, D; Mesquita, G. Uma análise da Representatividade das comunidades quilombolas no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM).

Esferas, ano 13, vol. 3, nº 28, setembro-dezembro de 2023 | ISSN 2446-6190

		digitais e aos discursos que de lá reverberam”; "QuilomboCast: de resposta emergencial a um processo de pesquisa em comunicação".	e Marcelo Leandro Eichler; Thiane de Nazaré Monteiro Neves e Raissa Lennon Nascimento Sousa.
--	--	---	--

FONTE – Elaborado pelos autores (2023)

Ao analisarmos a distribuição de gênero dos pesquisadores, identificamos que 10 pesquisadores são homens e 25 pesquisadoras são mulheres. Essa distribuição aponta para uma predominância feminina na produção científica sobre o tema. A identificação de gênero dos pesquisadores foi realizada com base na leitura dos pronomes e termos utilizados em cada trabalho como “doutoranda”, “mestranda”, “doutora” e “professora”. Dessa forma, foi possível inferir a identidade de gênero dos autores, considerando as convenções sociais geralmente associadas a esses termos. É importante ressaltar que a identificação de gênero através do uso de pronomes e termos é uma forma limitada de abordar a diversidade de identidades de gênero existentes. Apenas com base nesses indicativos linguísticos, não é possível captar a complexidade e as nuances das identidades de gênero dos(as) pesquisadores(as). É fundamental reconhecer que as identidades de gênero vão além da dicotomia homem/mulher e que pesquisadores(as) podem se identificar como transgênero, não-binários, entre outras identidades³.

A disparidade de gênero na produção científica é uma questão relevante e amplamente discutida no meio acadêmico. No caso específico da distribuição de pesquisadores, observamos uma

³ Portanto, embora a leitura dos pronomes e termos utilizados nos trabalhos tenha sido uma estratégia adotada para a classificação presente, reconhecemos suas limitações e a necessidade de uma abordagem mais ampla e inclusiva para lidar com a diversidade de identidades de gênero no campo da pesquisa quilombola e em outros campos acadêmicos.

predominância de mulheres que pode ser interpretada como um reflexo das mudanças e avanços na participação feminina no campo acadêmico e científico.

Nas últimas décadas, houve um aumento significativo da presença e da representação das mulheres em áreas anteriormente dominadas por homens. Esse progresso pode ser resultado de esforços para promover a equidade de gênero, políticas de inclusão e programas de incentivo à participação das mulheres na ciência. No entanto, mesmo com essa representatividade feminina mais expressiva, ainda é importante considerar que existem desafios persistentes relacionados à equidade de gênero na produção científica. A disparidade de gênero pode manifestar-se em diversas etapas do processo de pesquisa, desde o acesso às oportunidades educacionais e de carreira até a obtenção de financiamento e o reconhecimento acadêmico. Algumas possíveis explicações para essa disparidade podem envolver barreiras estruturais e culturais.

Quanto às instituições de ensino superior envolvidas nesses estudos, notamos uma diversidade de estados. Dentre as instituições mencionadas, a Universidade de São Paulo (USP) se destaca com seis pesquisadores(as) engajados nesses estudos, representando a maior participação. A Universidade do Estado da Bahia, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Metodista de São Paulo também tiveram uma presença significativa, com três pesquisadores(as) envolvidos cada.

Outras instituições que contribuíram para essa área de pesquisa são: a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Universidade Federal do Maranhão e o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, todas com dois pesquisadores(as) cada. A Universidade Federal Fluminense, a Universidade Federal do Pará, a

Universidade Católica de Pernambuco, a Universidade Federal de Pernambuco, a Universidade Federal Rural de Pernambuco, a Universidade Federal do Pampa, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro tiveram um pesquisador(a) cada.

Essa distribuição geográfica diversificada das instituições de ensino superior evidencia um esforço descentralizado para compreender a realidade quilombola em diferentes contextos, englobando suas histórias, lutas, culturas e desafios. É importante ressaltar que essa análise foi baseada nas informações fornecidas e pode haver pesquisadores(as) que possuam afiliações em mais de uma instituição, assim como outras pesquisas relacionadas à temática quilombola que não foram mencionadas nas informações disponíveis.

Uma abordagem adicional para considerar os resultados é a organização dos estudos de acordo com os grupos de pesquisa aos quais estão vinculados. Essa organização permite que as discussões de cada estudo se aproximem, uma vez que os grupos têm focos principais específicos e os resultados são apresentados aos pesquisadores, em cada encontro da Intercom, a partir desses grupos.

Atualmente, a Intercom divide os trabalhos em diferentes grupos de pesquisa, como já citado e o grupo de pesquisa “Comunicação para a Cidadania”⁴ se destacou dos demais ao reunir seis trabalhos. Já o grupo de pesquisa “Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local”⁵ e “Folkcomunicação”⁶ incluíram três trabalhos cada. Além dos grupos de pesquisa mencionados anteriormente, houve

⁴ Sua área de foco principal são estudos teóricos e metodológicos que exploram as inter-relações entre comunicação e cidadania, abordando uma ampla gama de temas, como disputas de hegemonia, cultura popular e identidades culturais.

⁵ Os trabalhos direcionados para este grupo analisam os processos de comunicação relacionados ao desenvolvimento em territórios e contextos populares e investigam as diferentes etapas de produção, circulação e recepção de mensagens, levando em consideração os desafios atuais de exclusão social e as dinâmicas econômicas agrícolas e não agrícolas.

⁶ Este grupo recebe trabalhos que estudam os processos comunicacionais presentes nas dinâmicas culturais, com enfoque nas manifestações populares e nas classes marginalizadas, explorando os intercâmbios e trocas simbólicas nas sociedades tradicionais em âmbito local, regional e global.

contribuições individuais de um trabalho em cada um dos seguintes grupos: “Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente”⁷, “Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros”⁸, “Ficção Seriada”⁹, “Comunicação e Educação”¹⁰, “Comunicação e Cultura Digital”¹¹, e “Publicidade e Propaganda”¹².

Ressalta-se que, pela primeira vez, no ano de 2022, foi criado o grupo de pesquisa “Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico”. Esse grupo tem como objetivo a análise das hierarquias raciais estabelecidas na produção, veiculação e recepção de mensagens nos diferentes meios de comunicação, levando em consideração também as relações de classe, gênero e sexualidade.

A discrepância notável entre a quantidade total de trabalhos acadêmicos ao longo dos anos e a escassa representação dos estudos sobre comunidades quilombolas levanta preocupações substanciais acerca da inclusão e visibilidade dessas temáticas na esfera acadêmica. Essa lacuna ressalta a urgência de investigações que se aprofundem nas práticas comunicacionais, adotando uma perspectiva antirracista e contra-hegemônica. Ao explorar as interconexões entre comunicação, tecnologia da informação, raça e racismo, e ao contextualizar essas análises dentro das dinâmicas territoriais, de gênero, sexualidade e classe, torna-se evidente a necessidade de destacar as experiências e narrativas das populações quilombolas dentro desses debates.

⁷ O grupo se dedica a explorar diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e práticas sociais da comunicação relacionadas à divulgação científica, saúde e meio ambiente.

⁸ Este grupo incorpora pesquisas que se concentra no estudo dos fenômenos comunicacionais que envolvem as estéticas da comunicação e as políticas do corpo.

⁹ Tem assumido trabalhos que se dedica ao estudo da produção, circulação e consumo de ficção televisiva seriada em diversos formatos e gêneros.

¹⁰ Levou em conta as pesquisas de análise das interferências dos processos comunicacionais no contexto educacional, explorando a convergência das linguagens midiáticas e digitais, que reconfiguram as formas de aprender e ensinar.

¹¹ Contempla as investigações as apropriações, culturas, materialidades e desafios das tecnologias computacionais, internet e plataformas e redes sociais digitais na análise das relações de produção e consumo em ambientes digitais

¹² Contempla os estudos da publicidade, e suas marcas e seu papel no desenvolvimento socioeconômico em um mundo midiático.

A ausência de pesquisas voltadas para essas comunidades não apenas deixa um vácuo na representatividade acadêmica, mas também impacta diretamente a compreensão dos desafios enfrentados por elas. Isso inclui questões cruciais relacionadas à preservação cultural, direitos territoriais, acesso a recursos e a complexa realidade das violências sofridas por essas populações historicamente marginalizadas.

Essas lacunas afetam diretamente o desenvolvimento de políticas inclusivas e estratégias eficazes para enfrentar problemas persistentes, como a violência e a discriminação, podendo perpetuar o ciclo de invisibilidade e negligência enfrentado pelas comunidades quilombolas, escanteando as discussões que podem gerar soluções para esses desafios complexos.

Considerações finais

As populações quilombolas têm sido alvo de discussões e debates em várias áreas do conhecimento, como antropologia, história, direito, sociologia, entre outras (Mesquita; Araújo, 2020). No entanto, no campo da Comunicação, percebe-se a existência de lacunas e desafios a serem superados no que diz respeito à produção de conhecimento sobre esse tema (Mesquita; Araújo, 2020; Grijó, 2016). Essa reflexão foi o ponto de partida para a pesquisa realizada, que teve como objetivo realizar um levantamento dos trabalhos publicados nos grupos de pesquisa do Intercom, no período de 2012 a 2022, sobre a temática quilombola, com foco na área da Comunicação.

Sinalizamos que foram encontrados apenas 24 trabalhos que abordavam o tema dos quilombos nas 11.103 produções. Para nós, essa constatação evidencia uma falta de interesse ou investimento

em pesquisas sobre o assunto, o que pode ser reflexo da invisibilidade atribuída às comunidades quilombolas.

Destacamos que os dados apresentados são preocupantes, pois a falta de produção de conhecimento sobre as comunidades quilombolas limita a compreensão das questões sociais, políticas e culturais que as afetam. Essa falta de compreensão dificulta a formulação de políticas públicas e ações efetivas que possam promover as transformações necessárias nos aspectos educacionais, socioeconômicos e biopsicossociais desses indivíduos, suas famílias e comunidades.

Reiteramos que as comunidades quilombolas são historicamente marginalizadas e discriminadas, e lutam pelo reconhecimento de seus direitos e pela preservação de suas culturas e tradições. Nesse sentido, a produção científica sobre o tema pode contribuir para aumentar a visibilidade desses grupos e para a formulação de políticas públicas que considerem suas especificidades. Além disso, é fundamental destacar o papel crucial da comunicação na construção de representações sociais e na formação da opinião pública.

Os grandes conglomerados midiáticos, por exemplo, podem tanto reproduzir estereótipos e preconceitos em relação às comunidades quilombolas, quanto contribuir para sua valorização e reconhecimento. A produção de conhecimento na área da comunicação pode ser uma ferramenta importante na luta por uma comunicação mais democrática e inclusiva, que leve em consideração as vozes e perspectivas das populações quilombolas (Mesquita; Araújo, 2020; Grijó, 2016).

Portanto, é necessário realizar mais estudos sobre a temática quilombola no campo da Comunicação, com o objetivo de ampliar o conhecimento e a visibilidade dessas comunidades. A

academia pode e deve ser um espaço de promoção da igualdade racial e social, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Essa revisão ressalta a importância de expandir as discussões e pesquisas sobre a temática quilombola, uma vez que ela é uma realidade presente no Brasil há séculos, mas ainda é pouco explorada no âmbito acadêmico. Acreditamos que este trabalho pode sensibilizar e mobilizar mais pessoas e instituições a se envolverem com esse tema, além de contribuir para a luta contra o racismo e a discriminação racial, pois a história e a cultura dos quilombolas ainda são pouco conhecidas e valorizadas pela sociedade em geral. Somente assim será possível superar as lacunas e desafios existentes.

Referências

- Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal; Centro Gráfico, 1988.
- Carvalho, E (2020). As ações afirmativas e a inclusão de estudantes quilombolas no ensino superior: desafios e perspectivas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grijó, W. (2016). A questão quilombola na pesquisa em comunicação. *Comunicologia - Revista De Comunicação Da Universidade Católica De Brasília*, 9(2), 33-51. <https://doi.org/10.24860/comunicologia.v9i2.6291>
- Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa. (2019). Levantamento das políticas de ação afirmativa (gemaa) Políticas de ação afirmativa para quilombolas nas universidades públicas brasileiras (2019). <https://gemaa.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2021/08/L.-Quilombola-110821b.pdf>.
- Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa. (2020). Levantamento Ação Afirmativa Políticas de ação afirmativa nas universidades públicas brasileiras. <https://gemaa.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2022/10/Levantamento-2020-versao-final.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.(2019). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral Tabela 6403 - População, por cor ou raça (Vide Notas). <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403>.

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

(2023).<https://www.portalintercom.org.br/eventos1/congresso-nacional/nacional-2023>.

LEI N. 1, DE 1837, E O DECRETO Nº 15, DE 1839, SOBRE INSTRUÇÃO PRIMÁRIA NO RIO DE JANEIRO.

<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/29135/pdf>

Mesquita, G; Borges, D. (2020). TA NI N'SORO? O olhar para a temática quilombola nas pesquisas em comunicação. *Esferas*, (18), 140. <https://doi.org/10.31501/esf.v0i18.11838>

Njeri, A. (2019). Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa. *Revista Sul-Americana De Filosofia E Educação (RESAFE)*, (31), 4–17. <https://doi.org/10.26512/resafe.vi31.28253>

Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), Terra de Direitos. -- 2. ed. (2023). *Quilombolas Racismo e violência contra quilombos no Brasil*. Curitiba. conaq.com.br terradedireitos.org.br/racismoeviolencia

Terra de Direitos; Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais. (2018). *Quilombolas Racismo e violência contra quilombos no Brasil*. Curitiba.

[https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/\(final\)-Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_WEB.pdf](https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/(final)-Racismo-e-Violencia-Quilombola_CONAQ_Terra-de-Direitos_FN_WEB.pdf)